

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com empresários brasileiros

Palácio do Planalto, 24 de outubro de 2007

Bem, primeiro eu queria agradecer a presença de vocês aqui, porque há muito tempo eu estava interessado em fazer uma reunião com um grupo de empresários que tem incidência na política econômica e na política de desenvolvimento do País.

Eu sei que o convite foi feito de última hora, ou seja, na verdade o convite foi feito na sexta-feira, muitos de vocês tiveram que desmarcar compromissos, outros empresários telefonaram que não tiveram como desmarcar. Mas eu acho que é um bom início para que nós adotemos uma certa prática no governo, de falar e ouvir as pessoas, para que possamos discutir um pouco o futuro do nosso País.

É importante também salientar que numa reunião como essa, os números apresentados pelo Ministério da Fazenda ou pelo Ministério da Indústria, ou se fosse o Luciano Coutinho, a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil ou a Petrobras, seriam todos números, eu diria, com uma forte dosagem impressionista, porque são números grandes em função de nós estarmos desabitoados a trabalhar com números positivos no Brasil.

Toda vez que a gente vem discutir o Brasil, nós precisamos partir de um patamar do que foi o Brasil nos últimos 26 anos ou nos últimos 30 anos, para a gente lembrar o quanto de tempo nós perdemos neste País, o que nós poderíamos ser hoje, se nós tivéssemos feito as coisas certas nesses últimos 30 anos. Então, nós pagamos o preço. O Brasil paga o preço de não ter feito coisas certas em momentos certos, em que a história permitia que nós déssemos um passo adiante e nós não demos um passo adiante.

Não vou nem falar dos ajustes das políticas econômicas nos mais diferentes governos, em que as pessoas se deixaram levar pela glória do momento ou pelas pesquisas de opinião pública e esqueceram que governar não é trabalhar com base em pesquisa, com pesquisa você trabalha uma eleição, para governar você trabalha com resultados concretos do crescimento econômico, da geração de empregos e da distribuição de renda.

E é esse momento que nós precisamos construir juntos. Ou seja, eu tenho uma preocupação, porque daqui a três anos quem está no governo não será mais governo, mas vocês continuarão sendo empresários, os trabalhadores continuarão sendo trabalhadores. E se nós não plantarmos o Brasil que nós queremos colher daqui a uma ou duas décadas, a gente pode viver outra vez os dissabores dos sonhos frustrados. Os empresários que já nos procuraram para anunciar grandes investimentos certamente não me procurarão ou não procurarão o outro governo para dizer que não vão investir mais, apenas não investirão. E o sonho será, outra vez, um sonho frustrado.

Como nós já temos, no século passado, muitas décadas de experiências de momentos importantes e de momentos frustrantes, o desafio de fazer com que as coisas dêem certo no País não é mais da responsabilidade do governo. É importante ter isso em mente, porque se criou, também, a pecha de que cabe ao governo decidir as coisas quando, na verdade, o que nós queremos ser é apenas indutores de um processo que tenha empresários, trabalhadores e outros segmentos da sociedade participando da construção desse processo.

Quando a economia vai bem e um setor vai mal, nós precisamos cuidar daquele setor que vai mal para ver se tem perspectiva de recuperação, para ver se o problema é que o mercado dele está exaurido, para ver se a empresa precisa passar por um processo de inovação tecnológica, para saber se o produto que ele está fabricando é correto ou não. Quando um setor é responsável pela inflação, nós não poderemos mais punir a sociedade, tentando aumentar a taxa de juros ao invés de punir o setor que está sendo responsável pela inflação. Você não pode levar o conjunto da sociedade a um sacrifício porque alguém está exagerando.

Quer dizer, esse tipo de comportamento é que nós precisamos construir juntos. Por quê? Porque o que é importante, e é isso que faz com que as democracias sejam sólidas, é que independe de quem seja o governo que esteja lá. Nos Estados Unidos independe se é republicano ou se é democrata, na Alemanha independe se são conservadores ou progressistas, na Inglaterra a mesma coisa. Tem um balizamento construído ao longo de décadas na sociedade, que as coisas vão para a frente. Elas podem melhorar um pouquinho, podem piorar um pouquinho, mas nunca nada que possa abalar. E aqui, no Brasil, nós aprendemos a viver assombrados: "Vai ter eleição. Quem

vai ganhar a eleição? Vai ser um desastre. Quem vai perder? Vai ser um desastre”. Ou seja, nós fomos educados a viver assombrados a vida inteira.

E o que nós estamos vivendo hoje, muito mais importante do que o crescimento econômico, é o crescimento do comportamento de credibilidade que todos nós construímos neste País. Nós construímos uma credibilidade entre nós, de nós para os outros países e de nós para outros segmentos da sociedade, que permite agora, com muito mais tranqüilidade e sem emoção, a gente pensar os próximos passos e discutir claramente quais os setores da economia brasileira que nós queremos fazer com que se destaquem em função de uma conjuntura nacional e de uma conjuntura internacional.

Vamos pegar alguns exemplos: a indústria automobilística brasileira. Ou seja, o Brasil não pode mais se contentar em estar produzindo 2 milhões e 800 mil, 2 milhões e 700 mil carros, quando nós temos condições de, além do atendimento do nosso mercado interno, que é um mercado vigoroso, a gente transformar o Brasil numa grande plataforma de exportação de carros para competir com os países mais exportadores. E não pode ser difícil ou proibido um país como o Brasil pensar em produzir 5 ou 6 milhões de carros ao ano.

Da mesma forma que a nossa indústria siderúrgica não pode ficar olhando a China a cada ano aumentar 30, 40, 50 mil toneladas e a gente se contentar com 40 mil toneladas, já que nós somos os maiores exportadores de minérios. A Vale do Rio Doce vai ter que pensar, junto com as empresas brasileiras, se nós vamos apenas ser exportadores de minérios ou vamos ser exportadores de valor agregado. E isso nós vamos ter que discutir juntos.

Eu tenho discutido com os setores de papel e celulose, é incompreensível que um país que tem as vantagens comparativas, primeiro dadas pela natureza, depois dadas pela dimensão territorial, depois dadas pelo conhecimento tecnológico. Que a gente não seja o primeiro país do mundo na produção de papel e celulose, não tem explicação. Somente um pensamento pequeno é que faz com que a gente fique se arrastando e não ocupe um espaço que poderia ser nosso. Daqui a pouco estaremos admirando a China crescer nessa área e nós ficamos para trás nos contentando em ver a China crescer.

A nossa indústria da construção civil, sobretudo a indústria da construção civil pesada, e aqui tem Odebrecht, Queiroz Galvão, Camargo

Correa, Andrade Gutierrez, tem um par delas aqui. Na verdade, as últimas grandes obras feitas neste País foram, de um lado, Itaipu, em 74, de outro lado, Xingó, que terminou em 94, e depois nós paramos. Os empresários das grandes construtoras brasileiras sobreviveram procurando mercado no exterior. É por isso que hoje a gente vai ao exterior, primeiro a gente encontra um representante dessas empresas, depois encontra o embaixador brasileiro. E eu acho isso ótimo, mas eu acho ótimo que um país que tenha a necessidade e a demanda que tem o Brasil, faça a tarefa de casa para que a gente se dote da mesma possibilidade que os chamados países desenvolvidos.

Pois bem, nós, enquanto governo, resolvemos dar um pontapé. É sempre muito difícil, é sempre muito complicado, porque sempre as possibilidades do governo são menores do que a expectativa que o próprio governo gera, e menores que a expectativa do que a demanda exige que a gente possa atender. Para que a gente pudesse discutir o investimento de 504 bilhões de reais no PAC foi uma obra de engenharia que levou meses, envolvendo tudo que é instância do governo, empresas públicas, para que a gente começasse a dar um pontapé inicial, que as pessoas percebessem que é possível e que, a partir daí, a gente criasse um novo ciclo de comportamento do próprio governo. É não é pouca coisa o que nós estamos tentando fazer para os padrões de um país que conheceu a última demanda de investimento em infra-estrutura na década de 70, com o governo Geisel. Foram 30 anos em que este País um pouco ficou pagando a conta dos desacertos daqueles próprios investimentos. Mas o dado concreto é que 30 anos na vida de um país é uma geração e meia, uma geração e meia que não teve oportunidades.

E veja que engraçado: cresceu um pouquinho a economia, já tem necessidade do Gerdau produzir mais vergalhões, tem necessidade da Usiminas produzir mais não sei o quê, tem necessidade da Votorantim anunciar mais fábricas de cimento ou a Camargo Corrêa mais fábricas de cimento, não sei mais quem mais fábrica de cimento. Por quê? Porque nós não estávamos preparados para isso. O que eu ouço dizer é de empresas que tinham fábricas que tinham funcionado e estavam desativadas e que agora as pessoas estão ativando essas fábricas.

Me assusta quando a gente ouve dizer que a capacidade produtiva do País, a capacidade instalada já chegou a 87%. E nós sabemos que não pode

chegar a mais do que isso se não houver concomitantemente os investimentos que o Estado precisa para que a gente não tenha a volta da chamada demanda maior do que a oferta. E o resultado disso é o surgimento de mercado paralelo, o resultado disso é a volta da inflação, ou seja, é o desajuste da economia brasileira. É este País que nós precisamos construir daqui para a frente. E por que precisamos construir daqui para a frente? Porque hoje a situação nacional e a situação internacional nos permite discutir os assuntos sem nervosismo, discutir os assuntos com mais tranqüilidade, sentar numa mesa e não ficar o debate ideológico se o País precisa ou não de uma política industrial. Essa discussão, hoje, depois de tantas décadas perdidas, todo mundo chega à conclusão de que o Brasil precisa ter uma boa política industrial, de que o Brasil precisa ter um projeto, ter uma prateleira de projetos de infra-estrutura para atender a demanda na hora em que ela se apresenta. E nós não temos. O Brasil desmontou tudo que ele tinha de planejamento nos últimos 25 anos e, ao invés de fazer planejamento, contratou empresas de consultoria para fazer *powerpoint*. Esse é o dado concreto. E vocês perceberam que no *powerpoint* tudo é muito bonito, porque você faz um número maior ou menor, às vezes 1% de diferença parece que tem 50 de diferença, quando, na verdade o País precisa estar preparado para a gente fazer as obras que nós precisamos fazer.

De vez em quando eu fico vendo na imprensa: “Vai faltar energia”. Companheiros, se me permitem chamá-los assim, nós acabamos de contratar, no dia 16 de outubro, os leilões de quase 5 mil megawatts, quatro mil e poucos megawatts, entre hidrelétricas e termelétricas, para 2012. Ou seja, para 2012 nós já contratamos 110% das necessidades energéticas deste País. Mas vira e mexe a gente está vendo pessoas do próprio Brasil, não é estrangeiro não, é brasileiro mesmo, dizendo: “Olha, vai faltar energia”. Ora, a primeira condição para eu tomar a atitude de não fazer investimento é se me contarem que vai faltar energia. Eu vou fazer uma fábrica e vou ligá-la onde? Eu vou fazer o quê com essa fábrica?

Bem, nós, então, precisamos discutir demanda interna. A demanda interna que o Brasil precisa discutir é o seguinte: houve um tempo em que eu ouvia de alguns companheiros economistas que o Brasil só pode exportar o excedente. Ou seja, é uma teoria talvez simplista, mas era aquela que dizia o seguinte: primeiro a gente enche a nossa barriga, depois, se sobrar, a gente vai

chamar o vizinho que está lá fora para comer. Mas com a globalização, nós temos que pensar num jogo combinado tanto de atender o mercado interno quanto o nosso propósito de ter uma demanda de exportação quase fixa ou, como diria alguém do Banco Central, com viés de crescimento. Até porque quem deixar de exportar, achando “bom, agora eu vou deixar de exportar, vou atender o mercado interno”, quando voltar, é que nem em política, já ocuparam o espaço dele. Ele não vai ter mais aquele espaço.

Então, o que nós queremos é ter uma combinação perfeita entre as necessidades de ocupar um espaço no mundo, que está à nossa disposição, e manter a economia brasileira crescendo, sem permitir que falte aqui a essência das coisas que nós precisamos para crescer. Se nós combinarmos esse jogo, nós vamos ter, então, que andar um pouco o mundo e saber o seguinte: onde tem perspectiva para este País.

Eu digo algumas coisas aqui, e eu não quero que vocês vejam nisso nenhum problema contra quem quer que seja, mas hoje, no mundo globalizado, ou a gente coloca a cara e os pés no mundo para disputar espaço ou nós perderemos esse espaço. Não existe amigo, não existe companheiro nesse mundo negocial internacional. O que existe é ousadia, qualidade e preço competitivo que vão nos fazer ocupar esse mercado.

De vez em quando eu fico imaginando o seguinte: se nós olharmos o Planeta, vamos perceber que os Estados Unidos são um mercado, eu não diria exaurido, porque é sempre o mercado maior do mundo, aquele negócio todo, mas é como se fosse... Eu sou obrigado a fazer essa comparação meio chula aqui, porque é a forma que eu faço na rua para as pessoas entenderem. Os Estados Unidos são como se você fosse a um baile, um homem, e tivesse 30 mulheres e 100 homens, ou seja, a chance de você dançar uma musiquinha é difícil porque tem muita disputa. É verdade. Agora, tem outros países em que você chega no baile e tem 100 mulheres e apenas 30 homens. Aí a chance de você dançar é maior. Também pode ser 30 homens e 100 mulheres, pode ser o inverso da comparação.

Por que eu estou dizendo isso? Porque a experiência que nós vivemos nesses primeiros quatro anos e meio de governo, de tentar fazer uma diversificação no mundo negocial brasileiro, tentando estabelecer novas relações, tentando discutir nichos de oportunidade tanto para o Brasil exportar

quanto para importar, mas também para que o Brasil possa fazer investimentos em determinados setores, está fazendo com que a gente enxergue um caminho excepcional para o Brasil entrar e ajudar, não apenas o Brasil, mas ajudar a economia daqueles países a crescer.

Eu vou dar um exemplo. Estou com uma viagem marcada, acho que para abril ou maio, para a Indonésia. A Indonésia é um país com 210 milhões de habitantes. Como nesses países asiáticos a população cresce muito rapidamente, até chegar a nossa ida lá, vai estar com 220 milhões de habitantes. A balança comercial do Brasil com a Indonésia – o Brasil que tem quase a mesma população – é de apenas 1 bilhão de dólares. Eu não sei quantos empresários que estão aqui já foram à Indonésia, não sei quantos ministros, ao longo da história do Brasil, foram à Indonésia, não sei quantos presidentes foram à Indonésia. Ora, se nós não tomarmos a iniciativa de ir à Indonésia e dizer que nós existimos, que nós temos índios, que temos a Amazônia, mas que também nós produzimos avião, que também temos indústria de máquina moderna, produzimos os ônibus do Martins, da melhor qualidade... A Feira do Transporte que fui ver esses dias, no Anhembi, é motivo de orgulho para qualquer governante de qualquer país do mundo. Ver o que nós somos capazes de produzir, ter uma indústria como a Petrobras, ser o maior produtor de soja, o maior produtor de carne, o maior produtor de etanol, o maior vendedor de suco de laranja... Tem muita coisa em que a gente pode ser o maior, se a gente quiser.

Agora, para eu ir à Indonésia, eu não posso chegar lá, ser recebido no aeroporto pelo embaixador brasileiro, ir para o hotel, dormir, encontrar com o presidente indonésio, assinar três ou quatro protocolos que depois voltam para cá, a burocracia te segura dez anos para funcionar e está resolvido. Não. Quando eu for à Indonésia, nós temos que fazer uma ocupação da Indonésia, nós temos que ter uma feira dos produtos brasileiros na Indonésia, nós temos que chegar lá uma semana antes, mostrar o que nós produzimos, levar a maioria dos empresários brasileiros uma semana antes para fazer debates, para conversar com os segmentos sociais deles, para que a gente possa estreitar uma relação competitiva com os chineses.

Houve aqui, durante muito tempo, pessoas que falavam “porque a China é um bom parceiro”. A China é um bom parceiro, mas é um bom parceiro que

faz a gente ficar 24 horas com um palitinho no olho para não dormir, porque se dormir, o bicho pega. Vamos pegar o caso de Angola, está aqui a Petrobras. A Petrobras ganha leilão aqui no Brasil, os blocos que ela faz leilão, ela ganha por 100 milhões de reais. Ela foi a Angola, botou 600 milhões de dólares, a Índia botou 700 milhões de dólares, a China colocou 1 bilhão e 300 milhões de dólares. O Brasil tem relação de 300 anos com Angola. Nós estamos nos vangloriando que estamos lá com investimentos de 2 bilhões e 100 milhões. A China chegou com 3 bilhões e meio e colocou lá. E é assim no Congo, é assim na República Popular do Congo, é assim no Gabão, ou seja, esse é um espaço em que nós poderíamos ter uma participação muito maior.

Meus companheiros, Angola importa material de construção de Portugal, e aqui tem empresário de construção se queixando apenas da taxa Seconci. Vá investir em Angola, ganhar dinheiro, vamos diversificar o nosso centro de atuação. Abílio Diniz, você precisa montar um Pão de Açúcar em Angola. Não sei se já tem, se não, monte. Se não, a Odebrecht vai montar, você tome cuidado. A Andrade Gutierrez, eles estão diversificando muito a participação deles. E isso vale um pouco para a América do Sul, para a América Latina. Eu tenho falado com os companheiros produtores de etanol: a gente ficar brigando para os Estados Unidos reduzirem a taxa do nosso etanol, a gente não vai conseguir, porque os americanos, como nós, disputam a eleição e precisam de voto, e lá os produtores de etanol e de milho dão voto.

Agora, por que a gente, ao invés de ficar brigando com eles, a gente não vai fazer parceria com os países da América Central e vender o nosso álcool junto daqueles países que têm livre comércio com os Estados Unidos? Depois, quando eles estiverem dependendo do etanol pronto, aí vão comprar de onde tiver, porque já estão dependentes mesmo. Não é assim que fazem, Abílio, as grandes cadeias, que vão para um país, vendem tudo mais barato até ganhar e depois ajustam os preços de acordo com o seu poder de monopólio?

Então, o Brasil vive um momento em que vai precisar de nós um pouco mais de ousadia. Primeiro, internamente. Este País, ele não vai dar certo porque o presidente da República acredita que ele vai dar certo, ele não vai dar certo porque o ministro da economia de vez em quando mostra uns números aí, que são motivo de orgulho para nós. Ele vai dar certo na hora em que todos nós acreditarmos que o País é isso, e que o País pode ser melhor do que isso.

E depende muito, mas muito, muito, de cada um de nós.

Eu sou um homem gratificado até pela informação que os meus ministros me dão e, às vezes, os empresários vêm aqui anunciar os investimentos, combinando isso com o PAC. Eu percebo que o Brasil está entrando numa fase importante. Agora, para a gente chegar a isso, foi preciso quebrar barreiras. A muralha do Muro de Berlin era pouco diante daquilo que a gente teve que quebrar aqui. Mudar costumes.

A nossa companheira tem razão, a Luíza, ou seja, o BNDES está se preparando para emprestar dinheiro para a grande empresa brasileira, isso depois de o empresário esperar 300 dias para eles estudarem. Agora está melhorando, mas é preciso pensar num financiamento para o conjunto. Esses dias eu fui a BNDES e eu disse: “Luciano, para o BNDES cumprir com a sua função, a que todos nós esperamos, ele não pode ficar se vangloriando de ter apenas 60 bilhões de reais para investir, ele tem que ter 80, 90, 100 bilhões, e não pode faltar o dinheiro”. E aí tem que entrar a combinação com o Tesouro. Eu digo sempre para o Guido, o Guido precisa tratar o BNDES, agora que ele é ministro da Fazenda, como ele queria que o Palocci tratasse quando ele era presidente do BNDES e o Palocci ministro da Fazenda. É só isso, não precisa nem mudar de comportamento, é só não esquecer a sua origem e o passado, as coisas vão embora, as coisas fluem com muita facilidade.

Bem, obviamente que nós temos que construir este País. O Miguel Jorge, o Luciano Coutinho vão ter que começar a chamar o setor de papel e celulose e discutir com eles um grande projeto para este País, vão ter que discutir com a indústria automobilística, discutir com várias cadeias produtivas, o setor siderúrgico, para a gente começar a pensar o Brasil nos próximos 15 ou 20 anos. Fazendo um prognóstico do que vai ser a China, do que vai ser a Índia e do que vão ser os países africanos, porque aquela gente está aprendendo a fazer democracia e estão aprendendo que somente com paz é que eles podem crescer. Isso leva tempo, mas eles estão aprendendo.

A possibilidade de um país como o Brasil ter ascendência no desenvolvimento de Angola é algo extraordinário. Estou dizendo Angola porque está aqui mais perto. Agora, para isso nós precisamos fazer um jogo combinado. Nós já abrimos um pouco, o BNDES já está, hoje, financiando a indústria brasileira a comprar indústria estrangeira no exterior, já é um passo

extremamente importante. Mas nós precisamos ver o que mais é possível fazer para que a gente possa fazer esse jogo combinado, ou seja, aonde o Brasil quer chegar? E para o Brasil chegar lá, tem a responsabilidade do governo, e algumas vocês colocaram aqui.

O Brasil, certamente, precisa fazer reforma. Reforma é uma coisa que a gente faz, eu diria, se não cotidianamente, a gente faz de tempos em tempos. Reforma não é uma coisa que a gente faz hoje e que vai durar a vida inteira, ou seja, a reforma é você ir adequando o Estado brasileiro e as coisas do País à realidade, aos avanços tecnológicos, aos avanços científicos, você vai adaptando. E, aí, nós precisamos de algumas reformas.

Eu só queria chamar a atenção de vocês para a gente não vender gato por lebre e achar que as coisas dependem apenas de uma reforma. Dependem de um conjunto de coisas. Eu lembro do tempo em que venderam que a solução dos problemas do Brasil era a Constituinte. Nós passamos 10 anos andando por este País, o cara falava: “Estou com fome”. “É a Constituinte”. “Eu quero não sei o quê”. “É a Constituinte”. Ou seja, nós passamos a vender que a Constituinte era a solução de todos os problemas. Ela veio, ela nos deu muitas garantias nos direitos civis, nos direitos humanos, mas na economia... E vocês sabem que democracia é muito boa quando a gente come, quando a gente estuda, quando a gente tem acesso à cultura, ao lazer. É o que eu digo sempre: democracia é importante quando a gente pode gritar que está com fome, mas é muito mais importante quando a gente pode comer.

Bem, como é que a gente vai continuar esse processo se as nossas empresas de transporte aéreo estão numa situação crítica? Eu não diria que as empresas estão num momento crítico. Eu diria que nós temos dificuldades, ou seja, como é que pode um país da África precisar ir a Paris para vir ao Brasil? Como é que pode alguém da América do Sul ter que ir a Miami para vir ao Brasil? Qual é a lógica deste País que quer ser um país com maior incidência e com uma incidência determinante na política internacional, se a gente não garante o direito de ir e vir das pessoas? E o mais grave, Guido Mantega, é que a gente não só não tem os aviões para ir lá, como a gente proíbe de eles virem. É impressionante.

Essa é uma discussão em que eu quero voltar a chamar as indústrias, chamar as instituições para a gente discutir o que tem que fazer para o Brasil

voltar a ter a importância que já teve no transporte aéreo. Não vamos criar nada de novo. E aí, Guido, a verdade é essa, é que se num primeiro momento o Estado tiver que garantir o número de assentos, nós vamos ter que garantir. Vai ter crítica? Vai. Mas senão não tem como, o presidente do Equador para vir ao Brasil fazer negócio, tem que ir a Miami. Ou um presidente da África, que está aqui... dá quase para vir a nado do Atlântico aqui, ele tem que ir a Londres para vir ao Brasil. É a mesma coisa de um turista do Pará precisar ir a São Paulo para ir para Miami, ou alguém de Pernambuco ter que vir... Não, hoje não dá, porque tem os vôos charters.

A verdade é que tudo isso faz parte de uma teia de aranha que nós temos que consertar para o Brasil definitivamente acabar com os seus problemas. E eu penso que isso é o que nós poderemos discutir daqui para a frente.

A reforma tributária, eu queria só chamar a atenção de vocês para uma coisa: da parte do governo federal não tem nenhum “senão” com a reforma tributária. Nós a mandaremos para o Congresso Nacional no momento em que entendermos que o Congresso Nacional está preparado para votar e que os governadores vão aceitar, porque o problema hoje não está mais no governo federal. Se o Guido já conversou com vocês, já fez a apresentação, o problema da reforma tributária, do nosso lado, está resolvido. Agora, é preciso convencer os entes federativos de que isso está resolvido para que eles possam aprovar, e vocês podem ser parceiros importantes nisso. Se a gente deixar pelo discurso de cada um, cada um tem uma reforma tributária na cabeça. Junte dois empresários no cafezinho, que tem duas políticas tributárias; junte dois políticos, que tem duas políticas tributárias; junte o prefeito da capital e o governador, que eles entram em guerra quando se fala em política tributária. Então, nós precisamos construir, se não a perfeita, aquilo que é possível melhorar a vida do País. E o projeto está, da nossa parte, Guido, pronto para ser apresentado.

A segunda coisa: a questão trabalhista. Eu tenho dito aqui nas reuniões com o Conselho e tenho dito aos dirigentes sindicais que é importante começar a pensar que tipo de reforma trabalhista nós queremos. Mas a gente quando fala isso, não pode esquecer que nós acabamos de aprovar uma Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que tem outra lógica tributária e outra lógica na

questão trabalhista. Agora, quando nós falarmos em reforma trabalhista, nós precisamos saber o que pensa o outro lado. É por isso que nós criamos um Fórum Nacional do Trabalho, por isso que nós criamos um fórum para que a gente pudesse votar a reforma sindical, por isso criamos um fórum agora para discutir a questão da reforma da Previdência Social, porque nós não podemos fazer uma reforma trabalhista que signifique negar o que tem, e não podemos pensar em reforma, mantendo tudo o que tem.

Qual é a possibilidade que nós temos de discutir uma reforma trabalhista em que você estabeleça o padrão básico para os trabalhadores e estabeleça a relação contratual no contrato coletivo para você mudar e fazer a flexibilização? Essa é uma coisa que não está bem digerida pelos empresários e que não está bem digerida pelos trabalhadores. E só vai ser digerida se colocarem na mesa de negociação, as duas partes. E a gente tem que sempre pensar que nós temos que construir essa maioria na sociedade. Sempre vai ter uma ou outra categoria que não vai estar satisfeita, mas essa história de construir 100% de consenso, não existe. Na dúvida, manda para o Congresso Nacional e ele vota. Entre mortos e feridos, o Brasil ganha. E vocês sabem da minha disposição de construir esse fórum para discutir isso.

A questão da educação, companheiros. Vamos ver o que já foi feito na educação neste País? Primeiro, nós aumentamos, de oito para nove anos, o número de permanência de crianças na escola, no ensino fundamental. Segundo, nós aprovamos o Fundeb, que introduz mais de 4 bilhões na educação, agora, inclusive, melhorando o salário dos professores. Terceiro, nós acabamos de lançar o PDE, que é o Programa de Desenvolvimento da Educação, que é a grande revolução na educação brasileira. Além disso, nós chegaremos a dezembro de 2010, com 10 universidades federais novas construídas no Brasil, 48 extensões universitárias pelo interior do País, e 214 escolas técnicas novas construídas no País. É importante lembrar que em 93 anos foram construídas apenas 140. Nós vamos construir, em oito anos, mais 214 escolas técnicas. E por quê? Porque, com o pouco crescimento da economia, os empresários já estão sentindo falta de mão-de-obra qualificada. Eu não sei se os nossos órgãos, tipo Senai, estavam preparados para o crescimento. Na hora em que a economia está estagnada, todo mundo vai entrando na mesmice, aí fica que nem o time do Corinthians, precisa lutar hoje

para não cair. Na verdade, a gente poderia ter mão-de-obra já preparada, o que depende do governo, mas também depende de vocês, porque se cada empresário investir na mão-de-obra que ele vai precisar, nós estaremos um pouco mais tranquilos. Mas se os empresários não fazem e nós não fazemos, aí ninguém vai ficar tranquilo neste País.

A última coisa que eu queria falar para vocês é a questão dos biocombustíveis. Para mim, esta é uma discussão que não tem volta. Esta não tem volta, meu caro Néelson, o mundo vai se curvar aos biocombustíveis, até porque o barril de petróleo a quase 100 dólares é injustificável. Então nós, entre mortos e feridos, precisamos investir mais. Vocês não imaginam a tarefa que nós temos, que é criar um conceito de que a nossa querida Petrobras não seja apenas uma empresa de petróleo, ela tem que ser uma empresa de energia neste País para ser muito mais do que isso. Ninguém tem mais credibilidade no exterior para colocar sua marca num produto do que a nossa Petrobras. Então, ela precisa assumir a responsabilidade mais forte na questão do biodiesel, mais forte na questão do etanol. Como? Não me perguntem. Mas nós vamos ter que construir essa necessidade de fazer a Petrobras ser mais do que uma empresa de petróleo, ela tem que ser mais do que isso. E, para isso, nós vamos precisar de reformulação de conceitos, de práticas administrativas, de demandas políticas, para que a gente possa dar ao Brasil a dimensão que o mundo espera que nós tenhamos. Teve um tempo em que muitos de vocês tinham medo do PT e eu dizia assim: “As pessoas têm medo do PT porque não conhecem o PT”. Eu acho que as pessoas, hoje, têm uma respeitabilidade com o Brasil e nós mesmos ainda não criamos dentro de nós essa respeitabilidade. Vocês sabem qual é o resultado de uma figura colonizada conversar com o colonizador? Vocês sabem qual é o efeito cultural disso na cabeça das pessoas? Basta que vocês brasileiros negociem com empresários americanos. Eles, às vezes, são menos que nós, mas na arrogância certamente eles têm 100% a mais do que nós. Sabem por quê? Porque é uma cultura que não é a cultura da arrogância, é a cultura do cara acostumado a fazer valer aquilo que ele quer. E nós, brasileiros, temos a mania de nos acharmos inferiores. Eu tenho companheiros que negociaram com o FMI há 20 anos, há 25 anos, eles diziam para mim: “Oh, Lula, é uma vergonha a gente negociar no FMI, a gente já chega lá rastejando, a gente não tem condições de dizer não, ou seja, eles já

baixam o tãção em cima da gente”.

Eu fui agora na República do Congo, o presidente me disse o seguinte: “Presidente Lula, está difícil, se vocês não nos ajudarem como é que a gente vai salvar o nosso País?” Eu vou fazer uma estrada, vem o FMI e diz: “Não pode fazer”. Eu quero fazer uma escola, o FMI vai lá e diz: “Você não pode fazer”. Tudo pelo ajuste fiscal. Ou seja, nós vamos ter que gritar que quem seguiu as orientações do FMI, na década de 90, quebrou. Nós temos que seguir é a nossa orientação, até porque não precisamos de ninguém para nos dar lição de seriedade, lição de competência. Como é que um país que tem o sistema financeiro moderno como o nosso vai precisar de orientação do Fundo Monetário, que hoje não tem essa credibilidade toda? Quem está ganhando credibilidade são os fundos soberanos, dos quais o Brasil faz parte com muita honra.

Bem, então nós precisamos, meus amigos, daqui para frente começar... Eu quero ver se todas as viagens que eu for, eu não vou convidar para a Copa do Mundo porque essa é na segunda-feira, não dá tempo, mas cada viagem que nós formos fazer, Miguel Jorge, é preciso que a gente acerte com um conjunto de empresários, não precisa levar todos, mas em função da peculiaridade daquele país, que a gente acerte com um conjunto de empresários para que a gente faça um barulho naquele país alguns dias antes, que a gente possa se mostrar. Nós não sabemos fazer isso direito ainda e também temos pouca vocação. A palavra não é expansionista, não, não quero dizer isso não. Mas eu me lembro, quando eu fui a Angola, em 2003, que eu falei que os empresários brasileiros precisariam não ter medo de ser empresas multinacionais, que era importante as empresas brasileiras fincarem o pé em outros países e servir de bandeira lá. A empresa brasileira me criticou, mas o dado concreto é que hoje nós já temos exemplos bem-sucedidos de muitas empresas brasileiras que estão ocupando espaços importantes. Desde a Argentina à Guatemala, na África, no Canadá, hoje o Brasil é o maior investidor no Canadá, quem diria. Então, eu penso que nós construímos esse momento.

Daqui para frente eu queria pedir duas coisas a vocês, não vou pedir cinco, como disse o Luciano Coutinho. O que eu queria era que houvesse entre nós uma relação de seriedade extrema. Por que eu digo seriedade extrema? É porque nós temos que construir as coisas juntos. Se o Luciano Coutinho e o

ministro do Desenvolvimento comecem a chamar setores da sociedade brasileira para dizer: “Bom, nós vamos construir que setor agora, qual o setor em que nós vamos criar políticas de incentivo, em que vamos fazer desoneração tributária, em que vamos fazer investimentos?” Que a gente assuma aquilo como um compromisso de fazê-lo, sobretudo nas áreas que nós consideramos que o Brasil tem vantagens competitivas, em que o Brasil será imbatível no curto, no médio e no longo prazo. Se nós contribuirmos entre nós, nós poderemos fazer num curto espaço de tempo um País muito maior.

E, por último, dizer para vocês que o exemplo das licitações que nós fizemos das sete rodovias é o exemplo de que o Brasil mudou de verdade. Mudou o Brasil, mudaram os empresários, mudaram os consumidores e nós poderemos fazer muito mais. Ontem, eu tive uma surpresa, porque eu fico acompanhando essas notícias pelos jornais e estava aquele negócio: “O preço da energia vai subir, vai para 140, vai para 160”. Ontem, o leilão foi a 125 para 2012. E, certamente, nos próximos leilões, os preços serão mais baratos, porque as pessoas também estão aprendendo que se nós formos mais justos com o nosso País, todos vão ganhar. Nós queremos ver se entramos agora – ainda este mês, Dilma, ou o mês que vem? – com o leilão do rio Madeira. Então, o que eu vou dizer para vocês? Energia não vai faltar. Infra-estrutura... os portos estão sendo consertados. Foi difícil, primeiro tomar a decisão de que não teria mais representante de partido nos portos, ou seja, os portos seriam administrados por profissionais, seja de onde vierem. Segundo, quebrar o monopólio de três dragas, de um grupo de empresários que determinavam a dragagem neste País, ou seja, abrir para que empresas estrangeiras venham participar desse processo, porque são coisas que você decide e, três anos depois, pergunta como estão, não estão, porque não aconteceram ainda.

Então, essas coisas de infra-estrutura... o que nós fizemos em ferrovia, a gente fala dos pedágios, mas não fala da ferrovia. Nós tivemos, neste País, concessão de ferrovias para 90 anos, sem o compromisso de fazer nada. Eu, agora, quero fazer um trecho até Cosmópolis e a resposta que me deram – não, Cosmópolis, não, Rondonópolis – é que não tem projeto. Não tem projeto, não, não tem interesse econômico. O projeto está lá. Aí nós fomos obrigados a dizer: se vocês não fizerem, o Estado vai fazer. Porque não é possível.

Mas eu queria dizer o seguinte: nós acabamos de fazer o leilão da

ferrovia Norte-Sul, 720 quilômetros. Enquanto nas concessões passadas saiu a 70 mil dólares o quilômetro – é esse o número, Dilma? 40 mil dólares o quilômetro – neste agora saiu a 1 milhão e 128 dólares o quilômetro. E vamos fazer, viu Emílio, também a da Bahia. Vamos fazer um teste na Bahia, de ferrovia, para que a Bahia não fique chorando que não tem ferrovia. Eu vou ver se o Benjamin quer fazer em parceria, quem sabe a primeira PPP, depois da experiência da Transnordestina.

Então, eu quero dizer isso para vocês. Olhem, eu quero que vocês construam uma parceria com este País, mais do que vocês já construíram. O Banco do Brasil já não está tão duro para emprestar dinheiro – inflexibilizou ainda os meus caminhoneiros que estão com problema –, a Caixa Econômica já não está tão dura – tem uns problemas que foram levantados aqui, de que é mais fácil comprar um carango do que comprar uma casa, pela papelada. Mas essas coisas, certamente nós vamos consertar, porque eu, depois de quatro anos, estou convencido de que nós precisamos destravar qualquer empecilho que crie dificuldades para o País. Aliás, eu não sei a quem interessa criar tantos empecilhos. Certamente não é ao povo brasileiro, certamente não é aos empresários, certamente não é aos consumidores, existe alguma coisa obscura que não permite que as coisas andem.

E eu quero que vocês construam, de verdade, esse compromisso conosco, de que nós vamos fazer as coisas andarem. Nenhum de vocês pode ter qualquer dúvida de cobrar de nós o que tiver que cobrar, de reclamar o que tiver que reclamar, de pedir para um ministro as mudanças que nós tivermos que fazer. Eu acho que nós só iremos fazer este País que eu quero e que vocês querem, se houver, entre nós, muita, mas muita lealdade. Não lealdade política, não lealdade ideológica, não lealdade religiosa, mas lealdade no compromisso com este País. A verdade é essa, é que todos nós somos passageiros e o País é infinito.

Muito obrigado pela presença de vocês e espero que o Miguel Jorge faça outra reunião desta. Nós, agora queremos chamar os microempresários, depois vamos querer chamar os médios empresários, para que a gente vá acertando e termine, de uma vez por todas, com os problemas que atrapalham o nosso País.